MEMÓRIA E LUGAR DE MEMÓRIA EM RICOEUR: NARRATIVA DE TRUFFAUT SOBRE A ESCOLA

CÁTIA BRITO DOS SANTOS NUNES; JORGE GARCÍA MARÍN; JOÃO DIOGENES FERREIRA DOS SANTOS

RESUMO

A problemática deste trabalho busca a compreensão da memória e do lugar de memória, à luz do referencial teórico de Paul Ricoeur (2014). Ou seja, evidenciar como foi feita uma narrativa sobre o espaço/local e o funcionamento da instituição escolar. Para tanto, tratará a obra cinematográfica *Os Incompreendidos*, como uma obra ficcional que apresenta uma narrativa sobre o ambiente e o funcionamento da escola. Assim, a luz do referencial teórico de Paul Ricoeur que estabelece conceitos sobre os elementos da narrativa, definindo as narrativas como histórica e ficcional. Para o filósofo a narrativa histórica trata do real sobre o passado e a narrativa ficcional trata do irreal fictício, e ambas são igualmente estruturadas quanto à forma. Por meio da narrativa, que é uma das formas de revelar a historicidade de um dado individuo ou grupo social, compõe-se e recompõe-se a experiência de vida de um individuo em relação a si e ao outro. Para atender ao objetivo indicado, assumiu-se neste trabalho uma proposta de pesquisa de abordagem qualitativa como suporte metodológico, realizando-se uma abordagem fenomenológica, com fundamento no referencial teórico de Paul Ricoeur. A opção metodológica justifica-se porque enseja a compreensão a partir da análise de contéudo e da interpretação da subjetividade que vem à tona, isto é, é projetada para fora, por meio da linguagem, ou seja, da narrativa. Desta forma Alguns trechos das narrativas coletadas demonstram a função seletiva e como a inserção dos personagens evidencia a intencionalidade do diretor François Truffaut de representar o real através de sua narrativa, que decorre de uma interpretação mnemônica do sistema educativo francês – a saber, o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente ocorrida anteriormente.

Palavras-chave: memória; lugar de memória; escola.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende a compreensão da memória e do lugar de memória, à luz do referencial teórico de Paul Ricoeur (2007), a partir da análise da narrativa ficcional na obra cinematográfica *Os Incompreendidos*, do diretor François Truffaut, sobre a instituição escolar na sociedade francesa dos anos 1950.

Tentaremos, portanto, evidenciar como foi feita uma narrativa sobre o espaço/local e o funcionamento da instituição escolar francesa da década de 1950. Para isso, utilizaremos, a título de ilustração, alguns trechos do filme em que são retratadas as principais características da escola frequentada pelo personagem Antoine Doinel.

As narrativas articuladas em fenômeno de temporalidade constituem uma memória declarativa resultante das buscas intencionais pelas lembranças, com a finalidade de tornar presente uma experiência anteriormente percebida, experimentada ou aprendida – aspecto de anterioridade. Ou seja, identificamos que a recordação narrada constitui um passado lembrado, em decorrência de um esforço intelectual – evocação, conforme definiu Paul Ricoeur (2007).

Ademais, as coisas lembradas são intrinsecamente associadas aos lugares em que

DOI: 10.51189/iii-conbraed/13979

ocorreram. Esses serão definidos como lugares de memória, uma vez que terão seu funcionamento imbricado à elaboração da memória declarativa - sendo conveniente esclarecer que essa definição vai além da compreensão de lugar de memória apenas como suporte material ou ancoragem, e que, ainda, a definição aqui utilizada não se confunde com o conceito de lugar de memória como local de guarda e conservação.

Assim, o lugar de memória que funciona intrinsecamente ligado às narrativas apresentadas na obra analisada é a escola frequentada pelo personagem do filme, Antoine Doinel.

O filósofo Ricoeur dirige a crítica ao pensamento que atribui, diretamente, a memória a uma entidade coletiva chamada de grupo ou sociedade, argumentando que, se assim o fosse, quando deixamos de fazer parte do grupo em cuja memória tal lembrança se conservava, nossa própria memória se esvairia por falta de apoios externos (ancoragem). Ademais, o próprio ato de "se recolocar" num grupo e de se "deslocar" de grupo em grupo, já supõe uma espontaneidade de um sujeito individual e se opõe à ideia da constituição simultânea de uma memória individual e coletiva. Para o autor, a ideia mais acertada é a de interpenetração dinâmica que necessita de um nível intermediário entre uma memória coletiva e uma memória individual (memória dos próximos).

Alguns trechos das narrativas coletadas demonstram a função seletiva - uma dimensão organizadora - e como a inserção dos personagens evidencia a intencionalidade do diretor François Truffaut de representar o real através de sua narrativa, que decorre de uma interpretação mnemônica do sistema educativo francês – a saber, o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente ocorrida anteriormente, conforme estabelece Ricoeur (2007, p.98):

No plano mais profundo, o das mediações simbólicas da ação, a memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação. Hannah Arendt nos lembra que a narrativa diz o "quem da ação". É mais precisamente a função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração.

Paul Ricoeur produziu reflexões importantes sobre a narrativa de ficção e a narrativa histórica, uma vez que ambas são caracterizadas pela similaridade no plano da configuração e pelo uso da narrativa do cotidiano. Por meio da narrativa, que é uma das formas de revelar a historicidade de um dado indivíduo ou grupo social, compõe-se e recompõe-se a experiência de vida de um indivíduo em relação a si e ao outro.

Ricoeur estabelece importantes distinções entre a narrativa de ficção e a narrativa histórica:

> O par narrativa histórica/narrativa de ficção [...] é claramente antinômico. Uma coisa é um romance [...], outra coisa, é um livro de história. Distinguem- se pela natureza do pacto implícito ocorrido entre o escritor e seu leitor.Embora informulado, esse pacto estrutura expectativas diferentes, por parte do leitor, e promessas diferentes, por parte do autor. Ao abrir um romance, o leitor prepara-se para entrar num universo irreal a respeito do qual a questão de saber onde e quando aquelas coisas aconteceram é incongruente; em compensação, o mesmo leitor está disposto a operar o que Coleridge chamava de *wilful suspension of desbelief* [suspensão intencional da descrença], sem garantia de que a história narrada seja interessante; o leitor suspende de bom grado sua desconfiança, sua incredulidade, e aceita entrar no jogo do como se – como se aquelas coisas narradas tivessem acontecido. Ao abrir um livro de história, o leitor espera entrar, sob conduta de devorador de arquivos, num mundo de acontecimentos que ocorreram realmente. Além disso, ao ultrapassar o limiar da escrita, ele se mantém em guarda, abre um olho crítico e exige, se não um discurso verdadeiro comparável ao de um tratado de física, pelo menos um discurso

DOI: 10.51189/iii-conbraed/13979

> plausível, admissível [...], honesto e verídico; educado para detectar as falsificações, não quer lidar com um mentiroso (RICOEUR, 2014, p.274 e 275)

Podemos notar que, ao traçar a antinomia entre ambas as narrativas, o filósofo conceitua a narrativa histórica como o real sobre o passado e a narrativa ficcional como o irreal fictício, apesar de igualmente estruturadas quanto à forma.

Nessa perspectiva, acreditamos que o cineasta François Truffaut, em sua narrativa, realiza um entrecruzamento entre ficção e história, construindo uma ficção que retrata a realidade do sistema educativo daquela sociedade francesa e que conta sua história de vida.

Nesse sentido, enuncia Ricoeur uma tese constante do livro *A memória, a história e o esquecimento*:

> Mas é com o retrato das personagens da narrativa, sejam narrativas de vida, narrativas de ficção ou narrativas históricas, que a visibilidade supera claramente a legibilidade. Ora, aí está uma tese constante deste livro: as personagens da narrativa são inseridas na intriga ao mesmo tempo em que o são também os acontecimentos que, juntos, constituem a história narrada. Com o retrato, distinto do fio da trama da narração, o par do legível e do visível desdobra-se nitidamente. (RICOEUR, 2014, p.276 a 277)

Portanto, poderemos compreender melhor as categorias de memória e lugar de memória à luz do referencial teórico de Paul Ricoeur (2007) a partir da obra cinematográfica de Truffaut. Para tanto, utilizaremos ainda algumas reflexões elaboradas por Michel Foucault (2022, 2013 e 2014) acerca do poder disciplinar, especificamente sobre os recursos para o bom adestramento, quais sejam, a vigilância hierárquica, a sanção normalizadora e o exame.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Para atingir tais objetivos, utilizaremos como recurso metodológico uma abordagem fenomenológica, com fundamento teórico de Paul Ricoeur, ou seja, num estudo que busca a essência das coisas pela maneira como são percebidas no mundo, isto é, como o fenômeno é apreendido pelos indivíduos - conceituando-se como fenômeno tudo aquilo que se mostra e que é percebido pelos sentidos.

Assim, na fenomenologia, a importância do significado é dada pela experiência passada que a pessoa possui sobre um fato. Isto faz com que o significado das ações seja dado em consonância com as suas experiências anteriores.

Schutz (1979) ressalta que "fica claro que somente uma experiência passada, isto é, uma experiência que é vista em retrospectiva, como já acabada, terminada, pode ser chamada de significativa". (SCHUTZ, 1979, p.63). Ou seja, apenas uma experiência passada pode ser considerada significativa. A experiência de um fenômeno como comportamento sempre é analisável depois do ocorrido e não no momento em que ele ocorre. A compreensão, dessa forma, parte sempre do passado, isto é, da lembrança de uma experiência, e o primeiro requisito de toda construção racional é a possibilidade de recuperação dessas experiências pela memória (SCHUTZ, 1979, p.65).

Nesse trabalho utilizou-se, primeiramente, a análise de conteúdo abordada por Martin W. Bauer (2002), sendo essa uma técnica híbrida que articula elementos quantitativos e qualitativos de pesquisa. Essa metodologia é "uma técnica para produzir inferências de um texto focal para seu contexto social de maneira objetificada" (BAUER, 2002, p. 191).

A análise de conteúdo utiliza a sistemática de regras de categorização para a análise, com enfoque nas frequências e ausências do material analisado. A partir da observação, categorização e análise de cenas do filme foi possível traçar um mapa de sentido sobre o corpus analisado. Assim, utilizaremos, a título de ilustração, alguns acontecimentos do filme em que são evidenciadas as principais características da relação entre as personagens principais.

DOI: 10.51189/iii-conbraed/13979

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quanto à escola retratada no filme como um espaço/cenário de acontecimentos, gostaríamos de expor algumas reflexões antes de entrarmos no cerne da interpretação. Destacamos, no primeiro momento, o lugar entendido pela linguagem comum referindo-se à localização do espaço geográfico.

Mas, de outra forma, a partir do entendimento de compreender o lugar concernente à memória, lugar das experiências vividas por cada sujeito do acontecimento. Para Ricoeur (2007): "a declaração explícita da testemunha, cujo perfil será abordado mais adiante, é bem expressiva: 'Eu estava lá'. O imperfeito gramatical marca o tempo, ao passo que o advérbio marca o espaço" (RICOEUR, 2007, p.156).

O filósofo, ao tratar do tempo, trata do espaço como experiência viva, ou seja, ancorada na extensão do corpo e de seu ambiente, com o objetivo de pensar a contribuição da dimensão da memória para uma interpretação sobre o espaço que assegure a importância da experiência da pessoa com o lugar – lugar da memória. Assim, segundo o autor, as coisas lembradas estão intrinsecamente associadas aos lugares.

Ricoeur realiza uma comparação entre variados espaços geográficos, configurando sua urbanidade:

> Seja ele espaço de fixação no qual permanecer, ou espaço de circulação a percorrer, o espaço construído consiste em um sistema de sítios para as interações mais importantes da vida. Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material. Cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade. (RICOEUR, 2007, p. 157)

Para o autor, a oposição entre uma concepção de espaço geométrico e uma concepção de espaço vivido nasce da constatação de que a concepção moderna de um espaço matemático, projetado como homogêneo, uniforme, isotrópico e infinito, está longe de exaurir a experiência que, enquanto corpo, fazemos do espaço, longe de poder anular o saber do espaço que ressoa através da nossa corporeidade.

Do mesmo modo que, em relação ao tempo, distinguiu-se entre "tempo do mundo", mensurável, sequencial, indiferente e um "tempo vivido" em que as tradicionais dimensões do tempo se experimentam em infindáveis variações de intensidade e reciprocidade. Assim, também haverá a distinção entre a concepção de um espaço exterior ou espaço do mundo e de um espaço ou lugar vivido (RICOEUR, 2007).

Interessa ao filósofo demonstrar até que ponto as nossas experiências originárias do corpo e da corporeidade desenrolam um espaço que parece convocar imemorialmente o movimento e as disposições do corpo. Ou seja, o corpo é a nossa referência essencial em relação ao espaço, servindo como parâmetro para toda e qualquer orientação espacial.

Se pertencemos ao espaço pelo nosso corpo, é necessário considerar que essa pertença implica um jogo de localizações e de deslocações, de relações às coisas e aos outros corpos num espaço que guarda forçosamente dimensões, relações de distância e de volume que são exteriores ao corpo.

Para o autor francês: "a série das nossas experiências, até à primeira, transmitem uma espacialidade já adquirida." Ademais, "temos a espacialidade corporal e ambiental inerente à evocação da lembrança", e essas lembranças são capazes de tecer simultaneamente uma memória íntima e uma memória compartilhada entre pessoas próximas. Assim,

> [...] entre o tempo "narrado" e o espaço "construído", as analogias e as interferências abundam. Nem um nem outro se reduzem a frações do tempo universal e do espaço

DOI: 10.51189/iii-conbraed/13979

> dos geômetras. Mas eles tampouco lhes opõem uma alternativa franca. (RICOEUR, 2007, 159).

É neste vivido do espaço que notamos como as intensidades desenroladas pelo corpo no espaço aparecem, então, expressamente ligadas aos lugares. Podemos compreender, assim, que o modo de presença do corpo no espaço, em rigor, não pode ser dito, nem pensado, "nem mesmo, no limite, experimentado sem uma qualquer referência, pelo menos alusiva, aos pontos, linhas, superfícies, volumes, distâncias, inscritos sobre um espaço desligado da referência ao aqui e ali inerentes ao corpo próprio" (RICOEUR, 2007, p.158).

O espaço não existe para o corpo que somos, seja em que momento for, como uma realidade separada. Espaço e corpo não existem, enquanto próprios e vividos, senão imbricados (RICOEUR, 2007).

O espaço construído da arquitetura faz a mediação entre ambos: "geometriza" as referências do espaço vivido desenrolado pelo corpo e, no mesmo gesto, "humaniza" as coordenadas objetivas e tridimensionais da geometria para transformá-las em "lugares de vida".

Tudo se passa como se o vivido do espaço encontrasse a sua expressão coerente nas inscrições que a construção arquitetônica torna possível. Isso ocorre ao mesmo tempo em que a construção geométrica do espaço acolhe, no seu centro, as orientações corporais primitivas da relação ao espaço, para lhes dar forma coerente. Levemos até ao fim o que, desse modo, torna-se evidente: o espaço habitado, considerará Ricoeur (2007), encontra-se sempre num "sítio" que é um nó de espaço construído, do mesmo modo que qualquer "presente" é um nó do tempo narrativo."

Ricoeur (2007) constata haver um "paralelismo estreito" entre o tempo narrado e o espaço construído, entre arquitetura e narratividade. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado (RICOEUR, 2007, p.159).

Nesta ligação entre narratividade e arquitetura se encontra o núcleo mais original e fértil da meditação ricoeuriana sobre o problema do espaço. Não é difícil demonstrá-lo. Basta, para tanto, sublinhar os significados latentes de tal mescla: nota-se que "qualquer história de vida se desenrola num espaço de vida" e que a narrativa de conversação apresenta suas trocas de memórias (UMBELINO, 2011).

Utilizamos expressões significativas como à direita e à esquerda, o alto e o baixo, o longe e o perto, a frente e atrás, de pé ou de joelhos, que manifestam posturas e uma correspondência orientadora. Como exemplos, recordemos o significado de "dar" a minha direita, de aceitar quem me critica "pela frente" (o valor da "frontalidade") e ignorar quem o faz "pelas costas", de "erguer-me" ante as dificuldades, ou não me deixar "rebaixar", "fugir do lugar" – todas estas expressões são outras tantas confirmações de que, enquanto corpo, não estamos no espaço à maneira de um simples objeto (UMBELINO, 2011).

Podemos observar, na obra de Truffaut sobre o sistema educativo, a descrição da arte das distribuições na espacialidade representada pelo lugar da escola, elaborada por Foucault:

A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas.

> A disciplina às vezes exige a *cerca*, a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo. Local protegido da monotonia disciplinar. (FOUCAULT, 2013, p.137)

Dentre outros aspectos, a configuração espacial na narrativa da obra serve para evidenciar a vigilância hierárquica. Desse modo, a disposição dos alunos na sala de aula é feita em fileiras e, na parte frontal e centralizada da sala, estará posicionado o professor. Ele funcionará, literal e metaforicamente, nessa posição de sujeito exclusivo detentor do

DOI: 10.51189/iii-conbraed/13979

conhecimento e das práticas que o legitimam a ocupar esse lugar/espaço e a regular/fiscalizar simultaneamente a atividade de toda a turma.

Na cena inicial do filme, Antoine é repreendido pelo professor e, como medida punitiva, é proibido de sair da aula para o recreio. No diálogo, o professor afirma que "O recreio não é obrigatório. É uma recompensa". Evidencia-se a utilização da sanção como instrumento normalizador, especificamente como elemento de um sistema duplo: gratificação-sanção, por meio de uma espacialidade. Assim, o professor efetiva a retirada da recompensa por meio da proibição da saída de Antoine para o espaço destinado à recreação e, portanto, pela permanência do discente no local destinado ao aprendizado. Restando evidenciado a imbricação entre a história narrada e o espaço de vida.

Numa cena em que os alunos estão brincando e brigando durante o recreio, os professores permanecem vigiando-os (vigilância hierárquica) no espaço destinado exclusivamente à recreação dos discentes. Um deles indaga aos alunos se eles precisam de juiz, uma vez que apresentam comportamento inadequado, e imediatamente, por meio de agressão física, retira-os do pátio, informando que serão punidos sem desfrutar do recreio durante três dias. Mais uma vez, a espacialidade corporal e ambiental aparece na narrativa diretamente relacionada com a efetivação da vigilância e a sanção normalizadora com a pretensão de corrigir, educar e controlar.

O professor informa que decidiu entregar as redações pela ordem das notas, começando pelas piores, direto do zero. Na cena acima descrita, o professor afirma que Doinel realizara plágio em sua redação, e informa que, além da nota zero, será aplicada ao aluno a penalidade de suspensão.

Após esse episódio, Doinel resolve fugir da escola, para a qual não retornará. E sua trajetória vivendo pelas ruas resultará em seu encarceramento em outra instituição disciplinar, o reformatório para delinquentes juvenis. E assim, a disciplina da instituição escolar deixa sua marca no corpo e na memória do personagem – que é um *alter ego* de Truffaut. Doinel permanecerá com o estigma de uma conduta desajustada e, portanto, "anormal" – por estar fora do lugar da escola e por estar dentro de um reformatório.

4 CONCLUSÃO

Assim, o sistema educativo francês é retratado por François Truffaut, no filme *Os Incompreendidos*, numa representação do passado enquanto fenômeno societal, sendo inseridas na intriga narrativa os acontecimentos e a descrição dos ambientes e espaços diretamente imbricados com a própria narrativa, ou seja, em uma contextualização da narrativa no tempo e espaço.

Portanto, utilizando-se de um paradigma do irreal ou fictício, Truffaut alcança a pretensão de retratar/representar uma sociedade do passado, operação que foi possível num terreno do imaginário, ou seja, numa narrativa ficcional sobre a trajetória do jovem Antoine Doinel.

Assim, ao selecionar algumas cenas da obra cinematográfica, elencadas neste trabalho, tentamos demonstrar que a inserção das personagens evidencia a intencionalidade do escritor de representar o real através de sua obra ficcional, realizando uma interpretação do fenômeno mnemônico, a saber, o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente ocorrida anteriormente, consoante à definição de Paul Ricoeur (2014, p.241), na qual é verificada uma função organizadora e seletiva, conforme estabelece Ricoeur.

Procuramos, ainda, evidenciar como a narrativa ficcional do filme traz as características do funcionamento da instituição escolar como espaço/lugar/cenário de exercício do poder disciplinar sobre os alunos, especialmente, sobre Antoine Doinel. Como resultado, após abandonar a família e a escola, ele é obrigado a permanecer encarcerado em outra

DOI: 10.51189/iii-conbraed/13979

instituição disciplinar, o reformatório para delinquentes juvenis. Portanto, por mais que busque escapar ao controle de que era objeto, o personagem apenas encontra outras formas de limitação que se efetivam em espaços destinados a esta finalidade. E percebe que as regras e imposições das quais tentava se livrar estão em todos os lugares, ou seja, em todos os espaços vividos, diferentes somente na forma com que se apresentam.

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, Acácio**. Michel Foucault: o governo da infância** / Haroldo de Resende (organizador) – Belo Horizonte; Autentica Editora, 2015.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Edts.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisao**; tradução de Raquel Ramalhete. 41. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **As verdades e as formas jurídicas**; tradução Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Moraes, Rio de Janeiro, Nau Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Record, 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: editora Unicamp, 2014.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

TRUFFAUT, François. **Os Incompreendidos**. 1959.

UMBELINO, Luís Antônio. **Espaço e Narrativa em P. Ricoeur.** Revista Filosófica de Coimbra - no 39 (2011), 141-162. 2011

DOI: 10.51189/iii-conbraed/13979